
Por uma conceituação discursiva do diálogo

Maria das Dores Nogueira Mendes¹
José Wesley Vieira Matos²
Maria Bianca da Silva Marques³

Resumo: Nossa pesquisa tem por objetivo identificar e comparar as definições relacionadas à noção de diálogo na Linguística Textual, Análise do Discurso e Análise da Conversação, a fim de propor um sistema de conceituações discursivo visando a uma maior precisão terminológica na convergência dessas áreas. Para isso, investigamos as proposições de Adam (2019), Bakhtin (1979/ 2003), Charaudeau (2010), Kerbrat-Orecchioni (2006), Cavalcante (2013), Pauliukonis e Cavalcante (2018), Blancafort e Valls (2007), Valls (1997), Fávero e Koch (1987) e Marcuschi (2006, 2008), que se ocupam de classificar conceitos relativos a diálogo, além de fundamentarmos nossa proposta categorial em Maingueneau (2005, 2006, 2010, 2015). No núcleo de nossa reflexão, faz-se necessário distinguir entre a definição de diálogo como hipergênero do regime instituído, a definição de conversa, enquanto forma enunciativa do regime conversacional, e os pormenores de uma cenografia mono/dialógica. Dessa forma, pretendemos com nossa proposta que, na imbricação das áreas mencionadas, possa delinear as fronteiras entre as múltiplas ocorrências textuais que são nomeadas de diálogo.

Palavras-chave: Diálogo. Hipergênero. Análise do Discurso.

Abstract: Our research aims to identify and compare definitions related to dialogue notion in Textual Linguistics, Discourse Analysis and Conversation Analysis, in order to propose a system of discursive conceptualizations aimed at greater precision terminology in the convergence of these areas. For this, we investigated the propositions of Adam (2019), Bakhtin (1979/2003), Charaudeau (2010), Kerbrat-Orecchioni (2006), Cavalcante (2013), Pauliukonis and Cavalcante (2018), Blancafort and Valls (2007), Valls (1997), Fávero and Koch (1987) and Marcuschi (2006, 2008), which are concerned with classifying concepts related to dialogue, in addition to supporting our categorical proposal in Maingueneau (2005, 2006, 2010, 2015). At the core of our reflection, it is necessary to distinguish between the definition of dialogue as a hypergenre of the instituted regime, the definition of conversation, as an enunciative form of the conversational regime, and the details of a mono/dialogical scenography. In this way, we intend with our proposal that, in the overlapping of the aforementioned areas, can delineate the boundaries between the multiple textual occurrences that are named dialogue.

Keywords: Dialogue. Hypergenre. Discourse Analysis.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e professora do Programa de Pós-graduação em Linguística e do Departamento de Letras Vernáculas nessa mesma Universidade. Líder do grupo de pesquisa Discurso, cotidiano e práticas culturais- DISCUTA (UFC). E-mail: dasdoresnm@yahoo.com.br.

² Graduando do Curso de Letras Português e Espanhol na Universidade Federal do Ceará. Participante do grupo de pesquisa Discurso, cotidiano e práticas culturais- DISCUTA (UFC). E-mail: jose.wesley98@alu.ufc.br.

³ Graduanda do Curso de Letras Português e Espanhol na Universidade Federal do Ceará. Participante do grupo de pesquisa Discurso, cotidiano e práticas culturais- DISCUTA (UFC). E-mail: biancamarques@alu.ufc.br.

1 Um termo plurissignificativo

O termo “diálogo” presta-se, no senso comum, a diversas acepções, dentre as quais destacamos: conversação entre duas ou mais pessoas; troca de ideias, opiniões, etc., que tem por finalidade a solução de problemas comuns; comunicação. O termo serve ainda, em ambientes menos formalizados e que não exigem definições precisas, de sinonímia para conversa, interação, debate, etc. Assim, de modo geral, o conceito de diálogo permanece nessa flutuação, adequando-se aos propósitos da comunicação. Contudo, no campo científico, faz-se necessário prezar por terminologias mais precisas que busquem dar conta dos fenômenos abarcados; de acordo com Costa (2012), uma das características do discurso científico é o investimento linguístico em uma fundação terminológica, evitando a polissemia dos termos em uso corriqueiro.

Dessa forma, objetivamos comparar e estabelecer relações entre as conceituações de diálogo, na convergência de algumas áreas dos estudos da linguagem, a saber, a Linguística Textual, a Análise da Conversação e a Análise do Discurso; a fim de propor um sistema de conceituação baseado na perspectiva discursiva na linha teórica de Dominique Maingueneau. Seguimos, assim, no intento de classificar um fenômeno interdisciplinar, em conformidade com o estudo de Travaglia (2012), que analisa os conceitos relacionados às tipologias textuais, ao passo que nossa pesquisa centrará no conceito de diálogo.

2 Panorama de conceituações do diálogo

Uma das noções pioneiras sobre diálogo, enquanto conceito teórico, advém das reflexões de Bakhtin (1979/2003). Para o autor, o dialogismo fundamenta a própria linguagem, assim, “O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1979/2003). Esse primeiro conceito aproxima-se daquilo que se compreende como objeto da Análise da Conversação, conforme Kerbrat-Orecchioni (2006) ao declarar que “[...] a situação mais comum do exercício da linguagem é aquela em que a fala circula e se troca (o diálogo, portanto) e em que se permutam permanentemente os papéis do emissor e do receptor”, ou seja, diálogo atua como sinônimo de conversa; algo parecido com o que ocorre no estudo de Marcuschi

(2006), ao propor uma distinção entre diálogos assimétricos e simétricos referindo-se a uma classificação de conversas, e no estudo de Valls (1997) ao utilizar alternadamente os termos diálogo e conversa.

No âmbito da Linguística Textual, Adam (2019) propõe cinco sequências textuais: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. Desse modo, o autor define diálogo como uma sequência alternativa para construção de textos e caracteriza-a enquanto tal. O autor percebe que os termos diálogo e conversa são utilizados como sinônimos, no entanto, afirma que se faz necessário estabelecer uma diferenciação:

Acho preferível dizer que diálogo e a conversação representam dois pontos de vista sobre a fala alternada. É melhor considerar a conversação, de um ponto de vista psicossociodiscursivo e como um gênero de discurso [...]. O diálogo não é mais que uma unidade de composição textual, uma forma particular de encadeamento poligerida de enunciados na oralidade e uma representação de enunciados poligeridos na escrita. (ADAM, 2019).

O texto considera também a hierarquia das sequências, dominadas e dominantes, e ressalta as possibilidades de sobreposição do diálogo a outras sequências textuais. Também se apresenta a estruturação sequencial do diálogo, composta por sequências fáticas de abertura, sequências transacionais (o núcleo da comunicação) e sequências fáticas de término.

Já Fávero e Koch (1987), fundamentadas, principalmente, nos estudos de Werlich, reconhecem cinco tipos textuais: narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo e injuntivo. Assim, as autoras diferem de Adam ao retirar o diálogo da tipologia principal e estabelecem um conjunto tipológico, agregando a injunção, que repercute em outros trabalhos da área. Marcuschi (2008) recorre a essa mesma classificação ao relacionar o tipo textual, gênero e domínio discursivo, sem menção a diálogo. De outro modo, Cavalcante (2013) caracteriza seis sequências textuais, ou seja, inclui o diálogo e mantém a injunção; para a autora, “a sequência dialogal é dominante em textos sob a forma de diálogo ou conversação comum [...]” (CAVALCANTE, 2013). Assim, para essa autora, o diálogo se assemelha conceitualmente à conversa, mobilizando termos como “turno de fala”, “tópico conversacional”, “réplicas”, etc. Também são destacadas, no texto, a organização retórica da sequência dialogal e a noção de hierarquia sequencial, definidas por Adam; em seu livro voltado para o ensino,

Pauliukonis e Cavalcante (2018), consideram a sequência dialogal como, predominantemente, dominada ou inserida em outra sequência dominante.

Blancafórt e Valls (2007) diferenciam a conversação espontânea do diálogo, considerando-o em termos de modo de organização do discurso, equiparado à narração, descrição, argumentação e explicação. O diálogo é caracterizado como “a forma básica da comunicação humana”⁴ (BLANCAFORT E VALLS, 2007, tradução nossa) e relacionado ao “protogênero” conversa. As autoras propõem duas formas de compreender o diálogo, como “o substrato de outras formas discursivas”, ou “como sequência secundária ou incrustada em outros modos de organização textual”⁵ (BLANCAFORT E VALLS, 2007, tradução nossa).

Charaudeau (2010) classifica quatro modos de organização do discurso: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Apesar de diálogo não estar contemplado em nenhum dos modos, o autor, ao explanar sobre a situação de comunicação em contexto amplo, observa a distinção entre língua falada e língua escrita, relacionando oralidade e grafia a uma situação monologal e a oralidade a uma situação dialogal, sendo essa última mais próxima da noção de conversa.

Em suma, percebemos que para a Análise da Conversação há uma tendência a considerar diálogo e conversa como sinônimos, visto que no objeto de estudo, delimitado pela área, não se faz pertinente uma diferenciação entre os termos. Enquanto que, para a Linguística Textual e algumas correntes da Análise do Discurso, o diálogo é compreendido em termos de tipologia textual, sequência textual ou modo de organização discursivo, por vezes, ocorrendo distinção com a noção de conversa ou ocorrendo flutuação entre os conceitos.

3 Proposta categorial

Tendo perpassado um panorama mínimo, porém significativo, sugerimos a seguinte proposta de categorização de fenômenos textual-discursivos relacionados ao conceito de diálogo, tendo como base a Análise do Discurso de linha francesa, sob a perspectiva de Dominique Maingueneau.

⁴ “[...] el diálogo es la forma básica de la comunicación humana” (BLANCAFORT E VALLS, 2007).

⁵ “El diálogo, además de estar en el sustrato de otras formas discursivas, aparece como secuencia secundária o incrustada en otros modos de organización textual” (BLANCAFORT E VALLS, 2007).

3.1 O primado do Outro

A primeira distinção teórica necessária diz respeito à acepção de diálogo como a relação fundamental entre os textos, entre os discursos ou entre os atos da própria linguagem. Segundo Maingueneau (2005), devemos considerar como pressuposto teórico a dependência que há entre o Um, que produz o discurso, e o Outro, com o qual ele se relaciona; assim, o Outro, ou pelo menos seu simulacro, está sempre presente no discurso do Um.

Nesse sentido, todo texto é dialógico, na medida em que há uma interação entre sujeitos discursivos distintos; pressuposto esse que se aproxima da noção bakhtiniana de dialogismo e do conceito de heterogeneidade constitutiva de Authier-Revuz (1990) e que, portanto, não devem ser confundidos com um conceito de diálogo em sentido estrito.

3.2 Regime conversacional

Após outras formulações teóricas, Maingueneau (2015) observa que as conversas não se adequam as noções de práticas genéricas, assim, divide a enunciação em dois regimes complementares: regime conversacional e regime instituído. Tais regimes se complementam, pois, enquanto um garante a fluidez das identidades e das situações, o outro estabiliza os papéis discursivos.

O autor define conversas como a conversação “ordinária”, apoiado nas características definidas por Kerbrat-Orecchioni, tais como, imediatez, informalidade, espontaneidade, igualdade entre os participantes, etc. O autor ressalta que a conversação é “quantitativamente muito mais importante e constitui o fundo sobre o qual se destaca a multiplicidade de gêneros instituídos” (MAINGUENEAU, 2015). Podemos, assim, diferenciar conversa de diálogo, tomando como base a organização discursiva de regime conversacional, na qual os sujeitos não estabilizam seus enunciados em formas genéricas, não possuem papéis pré-determinados, atuam com maior espontaneidade e a comunicação dispõe de uma relativa desorganização, sem coerção dos campos discursivos, nem de participação dos sujeitos.

Contudo, o autor ressalta que a conversa não é livre de restrições, mas que

mobiliza outras categorias de análise. Utiliza, então, os parâmetros definidos pela Análise da Conversação para estudar uma conversa, tais como “turnos de fala”, “marcadores conversacionais”, “organização tópica”, “pares conversacionais”, etc.

... L: vai tê que investi né”

C: é/ (+) agora tem uma possibilidade boa que é quando ela sentiu que ia morá lá (+) e:le o dono/ ((rápido)) ela teve conversan comi/ agora ele já disse o seguinte (+) ...” (MARCUSCHI, 2006).

O exemplo citado exhibe a transcrição de uma conversa, segundo os parâmetros da Análise da Conversação. Por isso, não devemos confundir diálogo com uma “conversa transcrita”, tendo em vista que, em concordância com Marcuschi, consideramos que “não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas” (MARCUSCHI, 2006). Logo, a tentativa de mudança da materialidade conversacional, por meio da grafia, não a comuta em um diálogo escrito; Como reforça Maingueneau (2015), “[...] [a transcrição] não é a representação da conversação; é apenas uma representação entre outras, aquela que resulta da técnica de transcrição escolhida”. Em síntese, consideramos como conversas a interação espontânea face a face entre dois ou mais falantes e a conversa telefônica⁶.

3.3 Diálogo como hipergênero

Em oposição ao regime conversacional, Maingueneau estabelece o regime instituído, “que recobre gêneros autorais e rotineiros e para o qual a noção de gênero de discurso é plenamente válida” (MAINGUENEAU, 2015). Esse regime caracteriza-se pela forma de textualidade planejada, através da oralidade ou da escritura.

Apoiado nas proposições basilares de Bakhtin (1979/ 2003) acerca da caracterização de gênero discursivo, a saber, enunciados relativamente estabilizados, temáticas pré-estabelecidas e estilos variáveis, Maingueneau (2010) considera gênero como “dispositivos de comunicação sócio-historicamente condicionados, que estão sempre mudando [...]”. Comumente, algumas categorias, como por exemplo, entrevista, carta, jornal, são definidas como gênero, porém, não possuem práticas historicamente localizadas e homogêneas. Assim, é necessária uma nova classificação que contemple

⁶ Seguindo a tendência da área da conversação que considera a aproximação das características da interação mediada pelo aparelho telefônico com a interação face a face.

essa “larga faixa de textos” que “[...] podem ser usados durante longos períodos e em muitos países” (MAINGUENEAU, 2010), o hipergênero.

O hipergênero pode ser caracterizado por um formato pouco estabilizado, porém, de reconhecível identificação sócio-cognitiva. Dessa forma, essa categoria mais ampla abarca outras manifestações mais bem definidas as quais se aplicam a noção de gênero; ou seja, alguns gêneros podem ser perpassados por um hipergênero, por exemplo, uma matéria jornalística impressa está condicionada às fracas restrições do hipergênero jornal.

O autor afirma que a categoria diálogo seria mais bem classificada como um hipergênero que, minimamente, pode ser identificado por “uma alternância de turnos de fala entre pelo menos dois interlocutores” (MAINGUENEAU, 2015); também elenca possíveis propósitos comunicacionais do diálogo, tais como, imitar o teatro, didaticidade, exposição de ideias heterodoxas sem responsabilização do autor... (MAINGUENEAU, 2010). Contudo, Maingueneau não define quais gêneros poderiam estar perpassados pelo hipergênero em questão.

Após um reconhecimento de textos categorizados como abarcados pelo hipergênero diálogo, acreditamos que uma característica fundamental para tal identificação é a busca pela imitação de uma interação entre dois ou mais sujeitos discursivos distintos, ou seja, não se trata de uma transcrição, nem de uma manifestação verdadeira de conversa, mas de um intento pela verossimilitude da interação humana espontânea. É necessário ressaltar que, como no regime conversacional a noção de gênero é pouco rentável, logo a de hipergênero também o é, o diálogo localiza-se, então, no regime instituído. Por isso, podemos afirmar que, o diálogo trata-se de um formato planejado de textualidade, faz com que o texto possua um pertencimento a um campo discursivo e, logo, seu funcionamento é restrito para sujeitos em interação com o tipo de discurso em questão; demonstrando que diálogo se opõe à conversação, ainda que busque uma mimese com esta.

Outra categorização pertinente para nossa proposta é a de cenas da enunciação. Maingueneau (2006) apresenta uma divisão da enunciação em três cenas: cena englobante, que diz respeito ao tipo de discurso no qual o texto se insere; cena genérica, que se relaciona com o gênero discursivo do texto, logo, manifesta seu propósito comunicativo; e cenografia, que corresponde à encenação singular evocada no texto, ou

seja, como a configuração do texto nos é apresentada. Quanto ao tipo de discurso, não podemos enumerar as cenas englobantes prototípicas do diálogo, devido esse ser flexível, sendo possível seu uso em diversos discursos; contudo, podemos apontar alguns discursos que se apropriaram do diálogo como etiqueta autoral, caso dos discursos filosófico, literário e midiático.

A cena genérica pode relacionar-se, diretamente, a um gênero ou, primeiramente, ligar-se a um hipergênero. Podemos pensar como o propósito comunicativo de um gênero discursivo, quando abarcado pelo hipergênero diálogo, revela as possíveis finalidades desse último. Percebemos ainda que pode haver textos pertencentes a um gênero discursivo não englobado pelo hipergênero diálogo, mas que apresentam uma cenografia de diálogo, ponto sobre o qual nos deteremos, de forma mais detalhada, a seguir.

3.3.1 Diálogo oral

Partindo do esquema proposto por Maingueneau (2010, 2015), utilizamos a distinção da forma de textualidade planejada (regime instituído) entre oralidade e escritura para definir os tipos de gêneros que são abarcados pelo hipergênero diálogo.

Dividimos os textos orais em três subtipos: monologal, dialogal e casos de triálogo. Os dois primeiros já estavam definidos conforme o autor-base, todavia, acrescentamos os casos de triálogo com base em classificações do próprio autor e que se torna relevante em nosso estudo, pois, podemos observar que os três subtipos se distinguem pelas funções comunicativas.

No primeiro subtipo, temos os diálogos orais monologais, os quais podemos caracterizar pela tentativa de controle da fala por um dos participantes da interação, ou seja, esse planeja sozinho a enunciação. Como exemplos de gêneros pertencentes a essa categoria temos: conferências, palestras, aulas expositivas, sermões, entre outros.

No segundo subtipo, temos os diálogos orais dialogais, caracterizados pela interação entre dois ou mais falantes sobre a coerção de um campo discursivo, ou seja, não trata-se de uma conversa espontânea, tendo em vista seus papéis e *script* pré-determinados. Como por exemplo: reuniões, assembléias, aulas interativas, etc.

É importante ressaltar que nos dois primeiros subtipos, a comunicação é

necessariamente presencial, sem transmissões via meios tecnológicos; posto que, no terceiro subtipo, diálogos orais em casos de triálogo⁷, esse recurso é definidor de um terceiro papel comunicativo, um segundo destinatário, o telespectador. Por exemplo: *talk-shows*, *podcasts* de debates, sermões televisionados, programa radiofônico de bate-papo, entre outros.

3.3.2 Diálogo escrito

Na modalidade escrita, segundo Maingueneau (2010, 2015), o texto pode ser dividido em linear e tabular. Assim, no primeiro subtipo, temos o diálogo escrito linear, que se caracteriza por uma tentativa de imitar uma conversação, porém, elimina os marcadores conversacionais e outros elementos prototípicos da conversa, denunciando o planejamento do texto. Essa categoria pode apresentar duas cenografias rotineiras: a cenografia monológica, em que apenas um enuncia para outrem que permanece omissa, por exemplo, textos em estilo de confissões, pensamentos, etc.; ou a cenografia dialógica, casos em que dois ou mais participantes enunciam, sendo todo o texto constituído por essa conversação simulada, por exemplo, qualquer texto que se configure totalmente por essa simulação, como os diálogos filosóficos clássicos e os roteiros de peça de teatro; recordamos ainda a utilização do termo como etiqueta, tal como “Diálogos de Platão”.

O segundo subtipo, a escritura tabular, é caracterizado pela supremacia imagética sobre a linguística, ou seja, nessa categoria o texto é a própria imagem. Por tratar-se de uma classificação textual ampla, esse subtipo pode ser encontrado em outros (hiper)gêneros, contudo, no presente estudo, não encontramos exemplos de manifestações textuais nas quais a imagem estabelecesse a interação característica do hipergênero diálogo, tendo em vista que o elemento linguístico em textos multimodais eram os responsáveis pela interação. Não excluímos a possibilidade de que existam ou poderão existir casos em que a imagem estabeleça o pertencimento do texto/gênero ao hipergênero diálogo.

Recordamos ainda a ressalva que Maingueneau (2015) faz a respeito da “tabularidade” dos escritos lineares. O autor reconhece que “qualquer texto escrito é,

⁷ Demos preferência por manter a terminologia fixada pelo tradutor no trabalho de Maingueneau (2010).

também, de certa forma, ‘tabular’, pois se apresenta ao leitor como uma imagem” (MAINGUENEAU, 2015), contudo, essa imagetividade do texto linear apenas restringe a articulação textual, fundamentalmente linear. Em nossa proposta, cremos que a “imagem” do texto dialogal se relaciona muito mais às cenografias prototípicas do hipergênero.

3.4 Cenografia de diálogo

Como mencionamos, a cenografia relaciona-se com a cena genérica à medida que busca validar o propósito do gênero através de uma encenação textual. Também nos referimos a duas cenografias prototípicas do hipergênero diálogo, monológica e dialógica. Contudo, nos deparamos com manifestações textuais que, a uma primeira vista, parecem pertencer ao hipergênero diálogo, mas que, em análise mais detida, identificamos o uso de uma cenografia mono/dialógica para fins de validação de gêneros não abarcados pelo hipergênero em questão. Ainda nos defrontamos com os casos em que o diálogo aparece apenas como uma parte que constitui um texto mais amplo, aparentemente contrariando a ideia de hiper (acima do) gênero.

A todas essas problemáticas, acreditamos que o conceito de cenografia, enquanto estratégia discursiva, possa aclará-las. Durante a análise, é necessário identificar, primeiramente, a cena genérica do texto e, posteriormente, contrapor o exemplar analisado a outros casos do mesmo gênero. Com isso, podemos averiguar se esse texto/gênero pertence ao hipergênero diálogo ou apenas utiliza de uma cenografia mono/dialógica. Por exemplo: uma canção em forma de monólogo, como “Monólogo de Orfeu” (1956) de Vinícius de Moraes, é, certamente, pertencente ao gênero canção e se apresenta em cenografia monológica, marcada pela menção a segunda pessoa do discurso (tu) que não enuncia, mas que participa de uma interação; contudo, várias outras canções não se utilizam desse tipo de cenografia, logo, não podemos submeter todo o gênero canção ao hipergênero diálogo, tendo em vista que foi um recurso possível utilizado apenas nesse texto. Diferentemente de um gênero como conferência (sem transmissão), que devido seu propósito comunicativo de expor uma ideia através da tentativa de controle da fala por parte de um apresentador, todos os textos terão, impreterivelmente, uma cenografia monológica, assim pertencendo ao hipergênero diálogo.

Quanto aos casos em que o diálogo aparece incrustado em outro texto mais amplo, o que pode ser associado ao conceito de sequência inserida, pensamos que o conceito de cenografia encaixada (COSTA, 2012), na qual o enunciador apresenta outra cenografia dentro da principal, possa servir como esclarecimento teórico. Assim, textos como fábulas, contos, romances, podem utilizar uma cenografia encaixada mono/dialógica como recurso para compor a cenografia principal de narrativa, e, dessa forma, validar a verossimilhança com uma conversação para imitar a experiência humana de comunicação. Podemos citar como exemplo, segundo Mendes (2017), a canção “Gita” (1974) de Raul Seixas, na qual temos uma cenografia principal de narração nos primeiros versos: “Eu que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando/ Foi justamente num sonho que Ele me falou”; e, na sequência, temos uma cenografia encaixada monológica, na qual esse “Ele” torna-se um “eu” que enuncia para um “você” explícito, mas omisso; ou seja, o enunciador utiliza o diálogo, como recurso cenográfico dentro da cenografia narrativa, para criar um efeito de realidade, ainda que a enunciação tenha ocorrido em um sonho.

3.5 Classificações navegantes

Um problema que surge na contemporaneidade, principalmente, ocasionado pela difusão da Internet, é o paroxismo da multimodalidade dos textos e a volatilidade das fronteiras enunciativas na Web. Por exemplo, se utilizarmos as categorias, anteriormente apresentadas, para classificar os textos da Web, em plataformas de redes sociais, chamados “privados”, “*in box*”, “*chats*”⁸, teríamos o impasse entre um planejamento textual (regime instituído) e uma espontaneidade (regime conversacional), o que dificultaria definirmos a conceituação dessas manifestações entre o que poderia estar abarcado no hipergênero diálogo e o que seria uma conversação. Por exemplo, em uma conversa pelo aplicativo *Whatsapp*, é possível perguntar através de um texto verbal escrito, traço mais planejado, e ser respondido por áudio, traço mais espontâneo, sendo que a interação resulta da unidade dessas modalidades; e ressaltando que a pergunta que estabelece a interação pode ser respondida em segundos, traço de instantaneidade conversacional, ou muitas horas depois, traço de um texto não simultâneo, logo, distante do conceito de conversa.

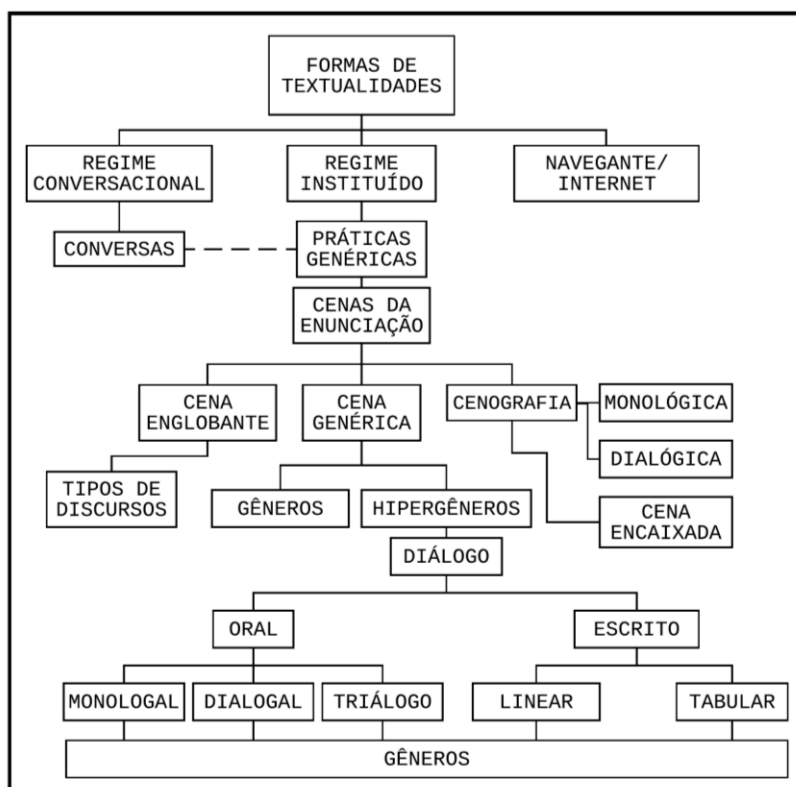
⁸ No Brasil, também chamados de “conversas de (nome da plataforma)”.

Diante dessa transformação na noção de textualização, Maingueneau (2010, 2015) propõe que se analisem os textos da Internet como uma forma de textualidade diferente dos outros dois regimes, a textualidade navegante, na qual “a cena genérica não exerce mais o papel principal; o par hipergênero/cenografia é o que prevalece” (MAINGUENEAU, 2010). O conceito de hipergênero a que se refere o autor deve ser atualizado para a Web, assim, hipergênero se refere às múltiplas maneiras de “navegar” no texto da tela, à possibilidade de construir o texto de muitas formas através dos *hyperlinks* e ao hibridismo das modalidades em abundância.

Ao observar as referidas manifestações da Internet, como por exemplo, a conversa da plataforma *Whatsapp*, percebemos que a multimodalidade se relaciona ao grau de planejamento ou espontaneidade do texto, sendo possível com o uso de alguns recursos, tornar simultâneo, ou não, o tempo da enunciação e o tempo da interação. Portanto, ora conversa, ora diálogo, devido seu caráter textual intrínseco, a forma navegante.

Por fim, sintetizamos a proposta categorial para diálogo no seguinte esquema:

Quadro 1. Esquema da proposta categorial para diálogo



Fonte: Elaboração própria.

Considerações finais

Temos consciência do teor altamente teórico das reflexões expostas, com pouca aplicabilidade aos níveis de ensino básico e fundamental; e, talvez, seja justamente esse a contramão do que a Análise do Discurso, principalmente a de linha francesa, vêm buscando traçar, a aplicabilidade da teoria ao ensino para além do nível superior. Contudo, acreditamos que, assim como outras áreas, por exemplo, a Linguística Textual, no contexto brasileiro, não estagnou suas reflexões teóricas para priorizar sua didaticidade, a Análise do Discurso trilha seu percurso de aplicabilidade ao ensino sem abandonar as reflexões mais aprofundadas cabíveis aos estudiosos do discurso e da linguagem.

Assim, concluímos que, tendo como base uma perspectiva discursiva, faz-se necessário delimitar alguns conceitos relacionados à noção de interação e distinguir entre:

- a) Primado do Outro/ Dialogismo/ Heterogeneidade constitutiva enquanto pressuposto teórico constituinte de todo texto/ discurso;
- b) Conversa enquanto manifestação enunciativa do regime conversacional que mobiliza categorias analíticas próprias;
- c) Diálogo enquanto um hipergênero do regime instituído, tendo como principal propósito a simulação de uma interação entre dois ou mais sujeitos discursivos distintos;
- d) Cenografia mono/dialógica enquanto investimento singular de um texto que, isoladamente, não define o pertencimento deste ao hipergênero diálogo, ou ainda, um investimento prototípico de uma cena genérica relacionada ao hipergênero diálogo;
- e) Textualidades navegantes enquanto formas distintas de enunciação que, aliadas à multimodalidade e ao propósito discursivo, permitem classificar os textos de redes sociais de caráter interacional, ora como conversa, ora como diálogo.

Por último, gostaríamos de reforçar a importância de uma precisão dos conceitos, visto que, ambiguidades, flutuações ou imprecisões terminológicas não são características do campo científico. Dessa forma, ao utilizar o termo “diálogo”, em

trabalhos acadêmicos dos estudos da linguagem, faz-se necessário esclarecer em que acepção e sobre qual perspectiva esse será empregado, em conformidade com as necessidades do fenômeno abordado e com as consequências provenientes dessa escolha teórico-metodológica.

Referências:

ADAM, J. M. **Textos**: tipos e protótipos. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. **Cadernos de estudos linguísticos**, 19. Campinas: IEL, 1990.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**, p. 261-306. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (texto original de 1952- 1953, publicado em edição póstuma em 1979).

BLANCAFORT, H. C; VALLS, A. T. **Las cosas del decir**: manual de análisis del discurso. Barcelona: Ariel, 2008.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Coordenação da equipe de tradução por Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, N. B. **Música Popular, Linguagem e Sociedade**: analisando o discurso literomusical brasileiro. Curitiba: Appris, 2012.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras & Letras**, Uberlândia, Departamento de Letras/UFU, v. 3, n. 1, p.3-10, jun. 1987.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições, 2006.

_____. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, tradução de Adail Sobral *et al.* São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MARCUSCHI, L.A. **Análise da Conversação**. São Paulo, Editora Ática, 2006.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.

MENDES, M. D. N. **O duro aço da voz**: investimento vocal, cenografia e ethos em canções do Pessoal do Ceará. 2013. 339f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8236>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PAULIUKONIS, M. A. L; CAVALCANTE, M. M. **Texto e ensino**. Natal: SEDIS-UFRN, 2018.

TRAVAGLIA, L. C. Aspectos da pesquisa sobre tipologia textual. **Estudos da Linguagem** Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 361-387, jul./dez. 2012.

VALLS, A. T. **Análisis de la conversación**. Barcelona: Ariel, 1997.